



Revista de Pedagogia e sua concepção de ensino para a educação paranaense (1957 a 1966)

Rossano Silva

Departamento de Expressão Gráfica, Universidade Federal do Paraná, Rua Cel. Francisco Heráclito dos Santos, 100, 81531-980, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: rossano.degraf@yahoo.com.br

RESUMO. O objetivo do presente trabalho é investigar as concepções veiculadas na Revista de Pedagogia (1957 a 1966), no tocante às definições sobre os objetivos e estratégias de intervenção nas escolas isoladas, localizadas no Estado do Paraná. A Revista de Pedagogia teve à sua frente o intelectual e educador Erasmo Pilotto (1910-1992), considerado pela história da educação um dos principais articuladores da Escola Nova no Paraná. A revista em questão foi publicada pela Associação de Estudos Pedagógicos (1956-1970), instituição que teve como principal objetivo a formação de professores primários, buscando discutir planos, propostas e metodologias de ensino, especialmente pensadas para as escolas isoladas, divulgadas principalmente pela Revista de Pedagogia. O aporte teórico desta investigação baseia-se nas considerações de Bourdieu sobre o conceito de intelectual e de sua teoria praxiológica, a fim de analisar a contribuição de Pilotto para o campo educacional. Constituem-se como principais fontes deste trabalho a revista em questão, que contou com cinco volumes e 22 edições, ao lado das obras de Pilotto e Dottrens. Nas fontes citadas, foram analisadas as concepções de Pilotto e como esse se apropriou das contribuições sobre individualização do ensino, presentes na obra de Dottrens.

Palavras-chave: história da educação; história intelectual; impressos; formação de professores.

Journal of pedagogy and its teaching conception for education in the Paraná state (1957 to 1966)

ABSTRACT. The goal of this study was to investigate concepts published in the Journal of Pedagogy (1957-1966) related to the definitions on the objectives and intervention strategies in isolated schools located in the state of Paraná. The Journal of Pedagogy was led by the intellectual and educator Erasmo Pilotto (1910-1992), considered by history of education as one of the main organizers of the New School in Paraná. The journal was published by the Association of Pedagogical Studies (1956-1970), an institution that mainly focused on the education of elementary school teachers, seeking to discuss plans, proposals and methodologies for teaching, especially designed for isolated schools, published mainly by the Journal of Pedagogy. The theoretical support of this research was based on Bourdieu's considerations about the concept of intellectual and his praxiological theory to analyze the contribution of Pilotto to the educational field. The journal, which had five volumes and 22 issues, is the main source of this work alongside with the works of Pilotto and Dottrens. In the sources mentioned, we analyzed Pilotto's conceptions and how he took the contributions of education individualization present in the work of Dottrens.

Keywords: history of education; intellectual history; press media; teacher training.

Revista de pedagogía y su concepción de enseñanza para la educación Paranaense (1957 a 1966)

RESUMEN. El objetivo del presente trabajo es investigar las concepciones difundidas en la Revista de Pedagogía (1957 a 1966), en lo que se refiere a las definiciones sobre los objetivos y estrategias de intervención en las escuelas aisladas, ubicadas en el Estado de Paraná. La Revista de Pedagogía tuvo frente a sí al intelectual y educador Erasmo Pilotto (1910-1992), considerado por la historia de la educación uno de los principales articuladores de la Escuela Nueva en Paraná. Esta revista fue publicada por la Asociación de Estudios Pedagógicos (1956-1970), institución que tuvo como principal objetivo la formación de profesores primarios, buscando discutir planes, propuestas y metodologías de enseñanza, especialmente pensadas para las escuelas aisladas, divulgadas principalmente por la Revista de Pedagogía. El aporte teórico de esta investigación se basa en las consideraciones de Bourdieu sobre el concepto de intelectual y de su teoría praxiológica, a fin de analizar la contribución de Pilotto para el campo educacional. Se constituyen como

principales fuentes de este trabajo la revista en cuestión, que contó con cinco volúmenes y 22 ediciones, al lado de las obras de Pilotto y Dottrens. En las fuentes citadas, fueron analizadas las concepciones de Pilotto y cómo este se apropió de las contribuciones sobre individualización de la enseñanza, presentes en la obra de Dottrens.

Palabras-clave: historia de la educación; historia intelectual; impresos; formación de profesores.

Introdução

O presente trabalho busca analisar as concepções educacionais, presentes no periódico *Revista de Pedagogia* (1956-1970), editado pelo intelectual e educador paranaense, Erasmo Pilotto (1910-1992). A publicação em questão foi parte da estratégia de intervenção no campo educacional, realizada por Pilotto na Associação de Estudos Pedagógicos – AEP (1956-1970), instituição particular que tinha por principal objetivo prestar assistência ao governo do Estado do Paraná, formulando investigações e propondo metodologias a serem aplicadas nas escolas isoladas.

A trajetória profissional de Pilotto e suas contribuições para a educação paranaense foram objetos de nossa investigação (Silva, 2009, 2014a), que procurou traçar as relações estabelecidas pelo intelectual em diferentes campos de atuação (artístico, educacional, literário e político) e se valeu do aporte teórico das contribuições de Bourdieu em sua teoria praxiológica e o conceito de trajetória. A teoria praxiológica de Bourdieu (1994, 1996, 2004) é uma concepção teórica que associa campo, *habitus* e capital, resultando em determinada prática associada a uma análise do mundo social que rompe com a abordagem da fenomenologia e do objetivismo. A prática, ou seja, o que realmente se efetiva em determinado tempo histórico e social, não depende apenas do sujeito no sentido de uma escolha individual, mas leva em conta o campo como um todo. O campo como elemento constituinte da sociedade pode ser interpretado como aquilo que é oferecido como possibilidade ao indivíduo, que, por seu turno, conforme a quantidade de ‘capital’ disponível, pode assumir ou não posições de poder e prestígio nas diferentes esferas de atuação. Nesse sentido tais pressupostos nos permitem estabelecer o papel de Pilotto nos campos de atuação. Outro conceito utilizado nesta investigação é o de trajetória.

No texto *A ilusão biográfica*, Bourdieu (2006) refletiu sobre os problemas da narrativa da história de vida, especialmente sobre a tendência da biografia e da autobiografia para criar um texto coerente, transformando a vida em uma série lógica de acontecimentos. O autor chama a atenção para a maneira como o indivíduo, bipartido em indivíduo concreto e indivíduo construído, escapa dessa noção tradicional de escrita histórica. Como forma de

superação dessa perspectiva, propõe a noção de trajetória como uma forma possível de conciliar a análise da vida, enquanto uma trajetória seguida pelo indivíduo concreto e construído. Diferentemente da biografia tradicional, a trajetória coloca-se como “[...] uma série de posições sucessivamente ocupadas por um agente (ou mesmo um grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (Bourdieu, 2006, p. 189). Para Bourdieu (2006, p. 190), os acontecimentos biográficos se definem “[...] como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado”. Nesse sentido, compreender uma trajetória é estabelecer os estados sucessivos dos campos nos quais o agente atuou, analisando conjuntamente as relações entre os outros agentes atuantes no campo. Assim, traçar a trajetória de Pilotto significa trazer suas redes de relacionamentos, análises e interpretações das teorias em debate em sua época, observando suas relações com os diversos agentes e seus campos de atuação.

Pilotto foi um dos principais articuladores, no Paraná, do Movimento pela Escola Nova – MEN, e sua atuação foi ampla e variada, traço comum aos intelectuais do período que transitavam em diversos campos simultaneamente. No campo educacional, atuou na Escola de Professores (1933 a 1947), promovendo a divulgação de seu pensamento ligado ao MEN e priorizando a cultura e a arte como princípios formadores do professor. Fundou em 1943 o Instituto Pestalozzi, uma escola experimental para alunos do pré-primário, a fim de colocar em ação seu projeto educativo.

No campo artístico e literário sua atuação iniciou-se em 1927, com a fundação do Centro de Cultura Filosófica – CCF, grupo interessado em debater a modernização das artes e da literatura em Curitiba. Participou ainda da fundação e criação da Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê – SCABI, atuando com o grupo de intelectuais e artistas ligados à instituição em seus projetos, como o da realização de concertos populares de música, da criação do Salão Paranaense de Belas Artes e da fundação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná – Embap. Sua inserção no campo literário e jornalístico ocorreu, no início da década de 1940,

com a participação no Grupo Editorial Renascimento do Paraná – Gerpa, no qual publicou seu primeiro livro intitulado *Emiliano* (1944). Participou na imprensa nos jornais *Diário da Tarde* e *O Dia*, nos quais publicou crônicas e críticas de arte, e também na revista *Joaquim*, na qual, além de publicar ensaios e entrevistas com artistas, atuou como diretor.

Sua relação com o campo político se deu desde o início de sua atividade docente e pode ser evidenciada pelos cargos de indicação conquistados durante sua carreira, bem como com sua indicação para assumir a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura – SEEC (1949-1951), no governo de Moysés Lupion. Nessa posição, Pilotto pôde confrontar suas metodologias e concepções educacionais, formuladas na Escola de Professores e no Instituto Pestalozzi com a realidade das escolas isoladas do interior do Estado, estabelecendo uma distinção entre pedagogia e política educacional tônica levada para as orientações e ações AEP.

Após a saída da SEEC, Pilotto iniciou sua ação fora da esfera pública, ou melhor, tangenciando essa esfera, pois muitas das ações posteriores à SEEC, apesar de anunciadas como autônomas, apresentavam incentivos governamentais. Outro ponto de tangência com a esfera pública está no fato de que suas ações e parte de suas obras se dedicaram a discutir a educação pública estatal, repensando os sistemas de ensino tanto no contexto nacional como no latino-americano, demonstrando a continuidade de sua intervenção no campo educacional e político com a criação da AEP.

Conforme Puglielli (1996), nesse período, o intelectual foi transferido para o Tribunal de Contas do Estado, no cargo de auditor, considerado pelo autor uma compensação à sua trajetória profissional, o que lhe permitiu receber ‘justos vencimentos’. Sobre a transferência de Pilotto para o Tribunal de Contas, ao final do governo Lupion, temos a seguinte evidência, encontrada no jornal *Diário da Tarde* (1951), criticando o ex-governador pela transferência de alguns de seus aliados políticos ao tribunal. Na reportagem, encontramos a seguinte referência feita a Pilotto:

Pelo que soubemos, apenas dois dos funcionários atingidos pela lei possuem estabilidade – os Srs. Pinheiro Jor e Erasmo Pilotto. Ocorre que ambos foram irregularmente investidos, pois que, de acordo com o Estatuto dos Funcionários Públicos, não podiam ser transferidos de carreira como o foram. Assim é quase certo que tanto um como outro voltarão aos cargos anteriores, de delegado e professor, respectivamente. Dessa forma, o atual governo deixa evidente o seu propósito de cumprir a

lei com um sentido humano, resguardando o apostolado do direito como preocupação primordial da grandeza comum (*Diário da Tarde*, 1951, p. 1-6).

Nas edições posteriores do periódico, não foram encontradas novas menções ao caso e, considerando o comentário de Puglielli, podemos concluir que Pilotto permaneceu no cargo até sua aposentadoria. É possível que, mesmo com sua saída da SEEC, o intelectual mantivesse certa autonomia, pois pôde, no ano de 1951, realizar uma viagem pela Europa, com sua esposa, Anita Pilotto, retomando suas atividades em 1952 na Escola Moderna Dario Vellozo¹. A criação dessa escola nos indica que Pilotto dispunha de boas relações na nova gestão da SEEC, pois teve a permissão para a criação da instituição em anexo ao Instituto Neopitagórico – INP, mesmo oficialmente estando no Tribunal de Contas. Entre 1953 e 1956, criou a Escola Paranaense de Pedagogia, que, conforme depoimento, tinha por finalidade atuar como:

[...] uma escola de metodologia prática, para as escolas primárias de todo o estado, em particular do interior, as aulas dadas por correspondência. Eu escrevia as aulas, aproveitando aquelas experiências referidas atrás; mimeografava e expedia, atendia à correspondência; fazia propaganda (Pilotto, 2004, p. 92).

As experiências às quais Pilotto se remete são os Programas Experimentais² e a Escola Moderna Dario Vellozo, experiências que resultaram na escrita das obras *A educação é um direito de todos* (1952) e *Organização e metodologia do ensino na 1.ª série primária* (1964). Em continuidade às ações promovidas na Escola Paranaense de Pedagogia, em 1956, Pilotto criou a AEP com o retorno de Lupion ao governo. A instituição foi responsável pela publicação de 11 de suas obras, além do periódico intitulado *Revista de Pedagogia*. A instituição se manteve ativa de 1956 até 1970 e concentrou suas atividades na produção de pesquisas educacionais e assessoria, bem como conferências e cursos dirigidos à formação de professores.

Associação de estudos pedagógicos

[...] urgente, urgente. Criar Escolas Novas, propagá-las, experimentá-las em modalidades diferentes, e utilizá-las para a formação de nossos especialistas. Uma política intensiva nesse sentido. Estou dizendo isso, mas sei que, mais uma vez, o reacionarismo, o

¹ A Escola Moderna Dario Vellozo foi uma instituição de ensino primário que funcionou como laboratório pedagógico das experiências de Pilotto sobre o ensino nas escolas isoladas.

² Os Programas Experimentais para o Ensino Pré-primário e Primário foram as diretrizes curriculares estabelecidas por Pilotto, enquanto secretário da Educação e Cultura.

comodismo e a superficialidade não me ouvirão. Reconheço que, em boa parte, não fui ouvido porque eu, pessoalmente, pelas minhas franquezas, não soube me fazer ouvir (Pilotto, 2004, p. 100).

Com essas palavras, Pilotto descreve os objetivos da Associação de Estudos Pedagógicos, bem como justifica a não implantação de suas ideias como políticas educacionais no Estado. Embora atribua à sua personalidade esse fracasso, deve-se considerar que no momento da atuação da AEP (1956-1970) o campo educacional no Paraná tinha uma configuração muito diferente da que havia nas décadas de 1940 e 1950.

Se, em um primeiro momento, na década de 1950 e início dos anos de 1960, as configurações do campo educacional, inspiradas pela concepção modernizadora e desenvolvimentista, foram permeadas pelo pragmatismo deweyano, representado por Anísio Teixeira, na figura de diretor do Inep, traduzidas por Pilotto em suas formulações para a organização do sistema educacional paranaense, baseadas em Dottrens, em um segundo momento, com o início da ditadura civil-militar em 1964, temos as formulações que seguiam os preceitos da Escola Superior de Guerra – ESG, apoiadas pela mesma base modernizadora e desenvolvimentista.

No contexto estadual, na década de 1960, o Paraná passou a organizar sua proposta político-econômica a partir das proposições da ESG, que destacavam a ênfase na industrialização. Conforme Gonçalves e Gonçalves (2012), essas diretrizes de planejamento do desenvolvimento da ESG previam que este fosse realizado pela ação direta, modernizante, racional e dinâmica do Estado. Para a autora, essas diretrizes guiaram as políticas educacionais do Paraná, associando educação ao desenvolvimento do Estado, a partir de dois argumentos básicos:

1) considerando que também há justificativas do processo modernizador, como visado a assegurar o bem-estar social, a expansão do acesso à escola passa a ser parte do processo de desenvolvimento do estado; e 2) essa expansão é necessária para formação de mão de obra mais qualificada ao novo cenário econômico que se busca construir, industrializado (Gonçalves & Gonçalves, 2012, p. 28).

Para a autora, esses argumentos levariam as políticas públicas estaduais a ressaltar a necessidade da expansão do sistema de ensino, além de relacionar a educação à formação de mão de obra qualificada, a fim de assegurar as condições plenas para a industrialização.

Nesse contexto, havia a AEP que tinha por principal objetivo a formação metodológica dos professores, buscando, por meio de periódicos e publicações, discutir planos, propostas e metodologias de ensino, em uma ação de continuidade das atividades de Pilotto, como professor e gestor educacional. A instituição foi uma estratégia de permanência de Pilotto junto ao campo educacional após a sua saída da SEEC, em 1951.

A estratégia de criação de uma agência de pesquisa para o assessoramento das políticas públicas foi uma das formas com que os intelectuais passaram a agir na esfera pública, pois, desde a década de 1950, a educação passou a ser pensada como fator determinante para a democracia e o desenvolvimento do país, a partir da ‘modernização planejada’. Assim, “[...] a mobilização no interior do campo intelectual foi marcada pelo empenho em criar instituições e abrir mercado próprio para o assessoramento na condução das políticas públicas, tendo como princípio norteador o planejamento racional e científico” (Xavier, 1999, p. 82).

Assim como um órgão privado, a AEP se destinava a discutir métodos e políticas educacionais para a escola pública. Conforme Puglielli (1996), a associação foi muitas vezes custeada pelo próprio Pilotto, embora, ao descrever seus colaboradores, ele afirmasse que estes foram colocados à sua disposição pelo governo estadual: “[...] a Associação contava com um corpo de colaboradores constituído por professoras, minhas antigas alunas³, formadas no espírito da Escola Normal, ‘que haviam sido postas à nossa disposição pelo governo do estado’” (Pilotto, 2004, p. 96, grifo nosso). De acordo com o intelectual, a AEP contou com esse grupo até 1960. Cabe ressaltar que o período citado por Pilotto corresponde ao segundo mandato de governador de Moysés Lupion (1956-1961), o que nos indicaria que, apesar de não integrar a equipe da SEEC nessa gestão, contou com a colaboração da esfera estatal.

Dentre outros colaboradores, referidos como ‘sustentáculos’ da AEP, Pilotto (2004) cita os nomes de Orlando Chaves, Alir Ratcheski, Antônio Weinhardt, Saul Lupion Quadros e Benedito Cordeiro. Entre os citados, destacamos o jornalista Saul Lupion, pertencente à família Lupion, outro meio de o intelectual conseguir apoio à sua empresa.

Afora a *Revista de Pedagogia*, a AEP publicou uma série de monografias sobre a situação do ensino no Estado do Paraná, relacionadas na Tabela 1.

³ Apesar de não mencionar quem são as ex-alunas colaboradoras, pela lista de colaboradores da *Revista de Pedagogia* pode-se citar quem foram as participantes da AEP.

Tabela 1. Publicações da Associação de Estudos Pedagógicos.

Título	Autor(ES)	Ano
<i>Estudo de áreas culturais do Paraná como fundamento da educação</i>	Samuel Guimarães da Costa	1956
<i>Problemas abertos no estudo de sistemas escolares para o Brasil</i>	Erasmus Pilotto	1958
<i>Situações de desenvolvimento brasileiro e a educação</i>	Erasmus Pilotto	1959
<i>Escala curitibana do teste de Dearborn</i>	Zélia Milléo Pavão e Ailema Luvizon Frank	1959
<i>Prioridades financeiras para o ensino paranaense</i>	Erasmus Pilotto e Wilson Martins	1960
<i>Hipóteses e diretrizes para o estudo das resistências à mudança social, tendo em vista a educação e a instrução pública como condição ou fatores</i>	João Roberto Moreira	1960?
<i>Direito à educação</i>	Erasmus Pilotto	1960
<i>Tecnologia e educação</i>	Ernesto Luiz de Oliveira Jr.	1960
<i>A evasão escolar em Curitiba</i>	Agar Klingelfus e Elba Ravaglio	1961
<i>Organização e metodologia do ensino na 1.ª série primária</i>	Erasmus Pilotto	1964
<i>Graal</i>	Erasmus Pilotto	1965
<i>Problemas da educação</i>	Erasmus Pilotto	1966
<i>Que se exalte em cada mestre um sonho</i>	Erasmus Pilotto	1967
<i>Para um humanismo individualista</i>	Erasmus Pilotto	1968
<i>Theodoro De Bona</i>	Erasmus Pilotto	1968
<i>Dario Vellozo</i>	Erasmus Pilotto	1969

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao observar o quadro de publicações, notamos que, após 1961, todas as publicações são de Pilotto, diferentemente do período anterior, no qual o intelectual contava com o apoio da esfera estatal na AEP. E pelas características das obras publicadas pela AEP, após 1961, vemos uma diferente estratégia das publicações. Entre os anos de 1956 e 1961, as obras têm como foco principal a discussão dos aspectos políticos e organizacionais do ensino público paranaense, ao passo que, após 1961, com exceção das obras *Th. De Bona* (1968) e *Dario Vellozo* (1969), os títulos remetem a publicações do pensamento pedagógico de Pilotto, numa tentativa de cristalização de sua obra perante as novas configurações dos campos educacional e político do Estado.

Ao analisar os autores listados das publicações da AEP, constatamos que, em sua maioria, eram ligados à Universidade Federal do Paraná - UFPR. Entre estes, temos Ailema Luvizon Frank, Ernesto Luiz de Oliveira Jr., Samuel Guimarães da Costa e Zélia Milléo Pavão, o que nos indica uma aproximação de Pilotto à instituição, que passava a assumir papel predominante na formação de especialistas em educação, aos poucos suplantando o papel da Escola Normal.

Conforme Puglielli (1996), a orientação dada à AEP se baseou na interlocução de Pilotto com a obra do pedagogo suíço, Robert Dottrens⁴, cuja aplicação

o intelectual havia observado pessoalmente na Europa, em viagem realizada em 1951. A obra de Dottrens é caracterizada pela configuração experimental e pela necessidade de individualização do ensino, cujo método se baseia na utilização de cartões individuais de trabalho. Ao realizar uma busca dos títulos de Dottrens na biblioteca da UFPR, constatamos que, das oito obras⁵ encontradas, apenas uma pertenceu à biblioteca particular de Pilotto⁶, *Le progres a l'école: selection des élèves ou changement des methodes?* (Dottrens, 1936), o que poderia indicar que a aplicação do método, realizada pelo intelectual, deu-se mais por sua observação em seu período de estudo na Europa do que pela leitura de sua obra. Dos oito títulos encontrados, quatro são anteriores a 1956, data da fundação do AEP, o que permitiria o contato de Pilotto com o autor.

O sistema de fichas ou cartas (*cartes*) de Dottrens é uma das principais características de sua proposta. Na obra pertencente ao acervo de Pilotto, temos as descrições e os objetivos dos três tipos de cartas de controle dos alunos. Para o autor, esse controle deveria ser operado “[...] não por meio de notas escolares, mas por um conjunto de mapas e gráficos que mostram graficamente o controle imediato do trabalho de cada estudante em cada disciplina⁷” (Dottrens, 1936, p. 121, tradução nossa). As cartas ou fichas seriam de três tipos: a primeira, a carta do estudante – *la carte de l'élève*; a segunda, a carta de experiência ou laboratório – *la carte de laboratoire*; e a última, a carta da classe – *la carte de classe*. Nesse sentido, a classificação dos estudantes seria realizada pela análise conjunta dessas três cartas.

A carta do estudante estaria dividida em atividades diárias e atividades semanais que seriam avaliadas pelo professor. Caso o aluno concluísse com suficiência os trabalhos de uma unidade, ele poderia passar a outro assunto; no caso de

(Instituto J.-J. Rousseau) da Universidade de Genebra, onde lecionou a partir de 1944 a cadeira de pedagogia experimental e, a partir de 1952, a cadeira de história da pedagogia; É especialmente conhecido por ter projetado e implementado um 'método de cartões individuais de trabalho', para o auxílio do ensino primário” (Treccani, 2015, p. 1, tradução nossa). “Professore (1924) e condirettore (1944) dell'Institut des sciences de l'éducation (Instituto J.-J. Rousseau) dell'univ. di Genevra, dove dal 1944 insegnò anche pedagogia sperimentale e dal 1952 pedagogia e storia della pedagogia; fu il fondatore, nel 1928, di una scuola sperimentale, l'Ecole du Mail. D. è noto specialmente per aver ideato e realizzato un 'metodo di lavoro individuale per schede', come aiuto e correttivo dell'insegnamento primario collettivo” (Treccani, 2015, p. 1).

⁵ Dentre as obras de Dottrens encontradas, temos: *A classe em ação* (1974); *A crise da educação e seus remédios* (1973 e 1976); *Como melhorar programas escolares* (1961); *Didactica para la escuela primaria* (1973); *El problema de la inspección y la educación nueva* (1935); *Hay que cambiar de educación: reflexiones, responsabilidades, perspectivas* (1946); *La enseñanza individualizada* (1959); e *Le progres a l'école: selection des élèves ou changement des methodes?* (1936).

⁶ Após o falecimento de Erasmus Pilotto, sua esposa, Anita Pilotto, doou seu acervo bibliográfico à UFPR. Conforme Miguel (1995) foram doadas 13 mil obras pertencentes à biblioteca particular do intelectual.

⁷ “[...] no par le moyen de notes scolaires mais par un jeu de cartes et de tableaux de contrôle montrant graphiquement et instantanément le travail effectué par chaque élève dans chacune branches”.

⁴ Robert Dottrens (Carouge, Genebra, 1893 – Troinex, 1984) – “Pedagogo, professor (1924) e codiretor (1944) do Instituto de Ciências de Educação

insuficiência, ele retomaria as atividades. A carta de experiências, por sua vez, seria realizada pelo professor⁸, e nela seria traçada a marcha de cada atividade desenvolvida, buscando “[...] intervir, encorajar, estimular, para cumprir da melhor forma a função de ‘chefe do trabalho’, a tabela referenciará imediatamente a posição de cada um em relação a seus pares da mesma idade⁹” (Dottrens, 1936, p. 122, grifo no original, tradução nossa). Por fim, a carta da classe permitiria ao professor, melhor que o sistema de notas, observar a posição de cada aluno, a fim de poder intervir na classe de maneira mais completa. Para Dottrens, esse sistema atua como uma ferramenta de intervenção que permite que “[...] o professor perceba, pelo avanço em alguns ramos, facilidades, gostos, aptidões; e o atraso, pelo contrário, revela deficiências, dificuldades, o que pode desempenhar um papel útil para aconselhar e ajudar¹⁰” (Dottrens, 1936, p. 122, tradução nossa).

Na edição n. 3 da *Revista de Pedagogia*, a concepção de fichas de trabalho é explorada como uma forma de disposição das atividades realizadas pelos alunos e de organização do trabalho docente. Concebidos como uma proposta de individualização do ensino, são apresentados as fichas de atividades gramaticais das professoras Franciliza X. S. Vallente e Sara Sartori e o artigo de Ivete Torres Ribeiro sobre a individualização do ensino. Foram realizadas as seguintes observações sobre o sistema:

1) Pelas observações feitas e pelos resultados das provas, podemos afirmar que a futura grande experiência sobre o sistema de fichas individualizadas do ensino logrará pleno êxito, desde que: a) as fichas não contenham erros de qualquer natureza e sejam convenientemente graduadas; b) o aluno disponha de espaço suficiente para trabalhar; c) o professor esteja preparado para a aplicação das fichas, não descuide da verificação dos exercícios e esteja atento para bem orientar os alunos; 2) O sistema de fichas (adequadamente usado) é superior ao sistema corrente em nossas escolas porque: a) atende individualmente à criança; é mais ativo; c) contém motivação na própria ficha; d) leva a um conhecimento mais profundo, dispensando a recapitulação, geralmente exigida pelos demais sistemas; e) desenvolve a leitura, o que vem sendo um dos grandes problemas da escola primária (Ribeiro, 1957, p. 32-33).

Para Pilotto, a individualização do ensino é uma aspiração metodológica, capaz de dar a cada criança o ensino adequado à sua capacidade de aprender, sendo extremamente útil, especialmente no contexto das escolas isoladas, e facilmente utilizável por professores com carência de formação especializada. Nesse sentido, no sistema de individualização transparece a posição de Pilotto sobre os papéis dos professores, aqueles que aplicariam as fichas e aqueles que as produziram, ou os professores que seriam a liderança educacional e aqueles responsáveis pelo trabalho direto na escola¹¹. As fichas funcionariam tanto como um sistema de controle do professor para o aluno como também um controle sobre o trabalho do professor.

Conforme Dottrens, a individualização do ensino tem como fundamento o ensinar a aprender. Para o autor, os problemas da educação se resumem em

[...] essencialmente estabelecer relações específicas entre a individualidade nascente da criança e daqueles que devem ajudá-las a se desenvolver. [...] A educação consiste em organizar racionalmente essas relações, atribuindo inicialmente o papel para as forças internas. Individualizara instrução é contar com os recursos autoeducativos de cada um, ou seja, no fundo, com a sua individualidade¹² (Dottrens, 1959, p. 15, tradução nossa).

Concordando com o autor, Pilotto concebe o sistema de fichas como um método de trabalho que deve levar em conta a capacidade autoeducativa da criança, mas, diferentemente de Dottrens, seu sistema prevê aulas ao ar livre e atividades que desenvolvem a força criadora do espírito da criança, entre as quais estão o desenho, a pintura, a modelagem e os trabalhos manuais¹³.

Como um órgão de assessoria à AEP, atuou (quem?) no sentido de desenvolver as metodologias para o ensino, especialmente pensado para as escolas isoladas, divulgadas pela *Revista de Pedagogia*, ao passo que as discussões sobre a política pública foram veiculadas pelos livros editados pela associação. As fontes não permitiram compreender o alcance da ação da AEP no contexto local, tendo-se em vista

⁸ Dottrens utiliza o termo *maître*, que em tradução direta significa mestre, mas pode ser utilizado para designar professor ou portador de formação superior.

⁹ “[...] intervir, encourager, stimuler, rempliraumeiuxs a fonction de ‘chef de travaux’, le tableau lerenseignant immédiatement sur la position de chacun par rapportaux camarades de même âge”.

¹⁰ “[...] lemaître se rend compte, par l’avance dans certain esbranches, desfacilités, desgôts, desapititudes; par leretard, aucontraire, il décèle les insuffisances, les difficultés; il peutal ors intervenir utilement pour conseiller et pouraider”.

¹¹ Durante a atuação de Pilotto na Escola de Professores e na concepção dos Cursos Normais Regionais, instituídos durante sua gestão na SEEC, o intelectual planejou, baseado em sua releitura das teorias de Gentile, a formação de professores pensada em dois grupos: aqueles que atuariam como uma ‘elite educacional’, cujo papel estaria no planejamento e criação de metodologias de ensino, e aqueles que estariam ligados à rotina escolar, aplicando a metodologia criada pelos primeiros.

¹² “[...] esencialmente a establecer relaciones concretas entre la individualidade naciente de los niños y aquellos que deben aydarles a desarrollarse. [...] La educacion consiste en organizar racionalmente essas relaciones, assignando el primer papel a las fuerzas interiores. Individualizar la enseñanza es contar com los recursos autoeducativos de cada uno, es decir, em el fondo, com su individualidad”.

¹³ Uma análise sobre o papel da arte nos programas experimentais pode ser vista em Silva (2014b).

que o Estado já tinha desde 1952 um órgão de pesquisa e assessoria ligado à SEEC e ao INEP, o Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais – CEPE, com função semelhante à da associação criada por Pilotto.

Conforme as notas autobiográficas de Pilotto, a associação se manteve ativa até 1970, não obstantepercebemos após 1966 uma redução das atividades da AEP, com a interrupção da *Revista de Pedagogia* e a mudança do foco das publicações, que deixam de discutir a política educacional. Essa mudança pode ter ocorrido por alterações nas configurações políticas da esfera estatal, instauradas a partir de 1964 com a ditadura civil-militar. Conforme Saviani (2005, p. 35),

Sob a hegemonia de ideias novas, a década de 1960 foi fértil em experimentação educativa. Consolidaram-se os colégios de aplicação, surgiram os ginásios vocacionais e deu-se grande impulso à renovação do ensino de matemática e de ciências. Mas, nessa mesma década, observa-se o declínio do ideário renovador: as experiências mencionadas se encerram no final dos anos 60, momento em que também foram fechados o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e os Centros Regionais a ele ligados. Após o golpe militar, consumado em abril de 1964, todo o ensino no país foi reorientado.

Apesar de a AEP ser um órgão de pesquisa desvinculado da estrutura estadual, as mudanças do contexto político e educacional podem ter levado Pilotto a reduzir as ações da associação após 1966 até o seu encerramento em 1970. Conforme Nadia G. Gonçalves e Sandro A. Gonçalves (2008), o contexto educacional e político brasileiro apresenta desde a década de 1950 forte presença das ideias desenvolvimentistas, fomentadas por instituições como a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB - e, especialmente após o advento do governo civil-militar, a Escola Superior de Guerra – ESG. O desdobramento do desenvolvimentismo¹⁴, para esses autores, levou o campo educacional, na década de 1960, à dualidade do sistema escolar, concebendo uma educação diferenciada em uma escola para as elites (secundária e superior) e uma escola para as classes populares (primária e profissional). Outra questão apontada pelos autores é a entrada da Teoria de Capital Humano¹⁵ nas configurações do campo político e

educacional, ligadas à ideia de desenvolvimentismo, concepções que foram questionadas por Pilotto em suas obras publicadas pela AEP.

Cabe ressaltar que a ditadura civil-militar perseguiu educadores ligados ao MEN, entre os quais, Anísio Teixeira, que foi afastado do INEP, além de levar outros ao exílio. Nesse contexto, é possível que o aumento da repressão instaurado, que teve seu ápice com a implantação do AI-5 (1968), pode ter levado Pilotto a alterar o plano de trabalho da associação e por fim encerrar suas atividades.

Revista de Pedagogia

Dentre as ações da AEP, temos a criação da *Revista de Pedagogia*. Publicada entre 1957 e 1966, o periódico contou com cinco volumes e 22 edições¹⁶, das quais tivemos acesso a 20 exemplares¹⁷, pertencentes à Seção Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná. A primeira edição, de maio de 1957, traz a seguinte descrição de seus objetivos:

Antes de tudo, devemos ter bem claro o seguinte: qual é o preparo pedagógico que deverá ser dado aos nossos professores do meio rural para que consigam ter bom êxito ao magistério? Parece-nos que, por ora, mais que um preparo técnico em pedagogia, sociologia, psicologia etc., precisamos dar-lhe um preparo prático em coisas fundamentais, para que se façam professores eficientes em sua classe, isto é, preparo prático para a regência de classe. É inútil estarmos sonhando com soluções líricas ou ideais no presente momento. [...] No presente número, procuraremos enfrentar o problema do preparo do professor dos Cursos Normais Regionais, para lecionar eficientemente o 1.º ano primário. Trata-se de um problema de mais extrema gravidade. O número de reprovações anualmente em classes de 1.º ano primário sobe a números alarmantes (*Revista de Pedagogia*, 1957, p. 1-2).

Como anunciado na apresentação da revista, pretendia constituir-se (quem?) como uma continuação das ações do intelectual frente aos Cursos Normais Regionais¹⁸ e auxiliar na formação dos professores das escolas isoladas, por meio de atividades práticas e não de fundamentos teóricos. Devemos lembrar a posição de Pilotto sobre as duas

níveis de desenvolvimento socioeconômico entre os países. Um de seus principais argumentos é que há relação direta entre qualificação, força de trabalho e crescimento econômico (Gonçalves & Gonçalves, 2008, p. 152).

¹⁶ Os números das edições estão distribuídos da seguinte maneira: Vol. 1 (1957): maio nº 1, julho nº 2 e agosto nº 3; Vol. 2 (1958): fevereiro nº 1, abril nº 2, junho/agosto nº 3 e 4, outubro nº 5; Vol. 3 (1959): fevereiro nº 1, abril nº 2, junho/agosto nº 3 e 4, outubro nº 5; Vol. 4 (1960): março nº 1; maio nº 2; Vol. 4 (1962) novembro nº 5; Vol. 5 (1963): fevereiro nº 1; Vol. 5 (1965): fevereiro nº 2, setembro nº 3. Vol. 5 (1966): fevereiro nº 4.

¹⁷ Não foram encontrados os exemplares de números 3 e 4 do volume 4 da revista, que possivelmente foram publicados entre 1960 e 1962.

¹⁸ Os Cursos Normais Regionais foram criados por Pilotto, durante sua gestão na SEEC, e buscavam ampliar o alcance das Escolas Normais existentes no Estado, formando professores normalistas para atuar nas escolas isoladas.

¹⁴ O desenvolvimentismo “[...] pressupõe um círculo virtuoso, da educação contribuindo para o desenvolvimento, na medida em que torna acessíveis à população a cultura e o trabalho, entre outros; e do desenvolvimento, compreendido como recursos e condições sociais e econômicas, elevando o nível da educação da população; o que, em consequência, também favoreceria a Segurança Nacional” (Gonçalves & Gonçalves, 2012, p. 16).

¹⁵ Sua proposição foi coordenada por Theodore W. Schultz, em 1950, nos Estados Unidos, e visava explicar os fatores que ocasionavam os diferentes

classes de professores, a dos líderes e a daqueles ligados a atividades mais 'terrá'. Enquanto aos primeiros caberia a discussão dos grandes temas e teóricos da pedagogia, aos demais caberiam instruções práticas e precisas de métodos facilmente aplicáveis, conforme podemos observar na sequência da apresentação.

Ora, analisando a vida das classes de 1.º ano, de um ponto de vista realista, em sua situação atual, no estado, com todo o quadro que lhes dá a configuração, encontramos que aquele fracasso está ligado às dificuldades dos professores no ensino de três questões fundamentais: a) Ensino inicial de leitura e escrita; b) Ensino da multiplicação de dígitos (taboada); Ensino da divisão formal. O número presente desta revista está destinado a dar sugestões extremamente práticas, verdadeiras 'receitas' eficientes para o ensino desses três pontos, no 1.º ano (Revista de Pedagogia, 1957, p. 1-2, grifo no original).

A temática exposta por Pilotto de trabalhar com a metodologia do ensino da leitura e da multiplicação e divisão segue até o segundo número do volume 2, complementada pela explicação da metodologia de fichas individualizadas de Dottrens. Conforme depoimento de Pilotto, citado anteriormente, a revista contou com a colaboração de suas ex-alunas, que foram colocadas à disposição da AEP pelo governo estadual até 1960. Após esse período, Pilotto indica que a revista deixou de publicar artigos de pedagogia, passando a discutir políticas educacionais. Na Tabela 2, apresentamos os autores dos artigos da revista. Consideramos que artigos não assinados de apresentação foram de autoria de Pilotto, que assinou o editorial de todos os números encontrados.

Tabela 2. Autores da *Revista de Pedagogia*.

	1957 vol. 1	1958 vol. 2	1959 vol. 3	1960/62 vol. 4	1963/65/66 vol. 5
Erasmio Pilotto	8	7	4	6	11
Franciliza X. S. Vallente	1	1			
Sara Sartori	1	1			
Ivete Torres Ribeiro	1	1			
Olga Kolody		1		1	
Lúcia Rysicz		1			
Leda Grein Santos		2	1	1	
Ailema Luvison Franck		2			
Nahyr F. Cavallin		1			
Maria Eulina dos Santos Schena		1			
Rosa Kolody			1		
Odette de M. Cid				1	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao observarmos a Tabela 2, constatamos que Pilotto publicou o maior número de artigos no periódico, um total de 36 artigos, ao passo que Leda

Grein Santos, a segunda autora em artigos publicados, escreveu quatro artigos. Isso nos leva a perceber que as ex-alunas de Pilotto eram colaboradoras, mas o intelectual era a linha mestra do periódico.

Na Tabela 3, temos os temas da publicação, considerando as edições de 1957 até 1960, antes da mudança editorial da revista. Percebemos grande quantidade de artigos destinados ao ensino de leitura e de aritmética, bem como os de orientação metodológica geral, como organização do ambiente e ensino individualizado. Todas as propostas apresentadas se baseiam na metodologia de fichas de Dottrens e foram realizadas ou observadas pelas colaboradoras de Pilotto, e, apesar de se destinarem às escolas isoladas, as atividades foram realizadas em grupos escolares da capital ou urbanos. A orientação dada à revista não privilegiou as atividades de educação física, canto, desenho, trabalhos manuais, com exceção da republicação dos programas experimentais. Fora a publicação dos programas, temos apenas um artigo sobre o ensino de desenho, escrito por Odette de Mello Cid, professora do Centro Juvenil de Artes Plásticas e do Curso de Aperfeiçoamento em Desenho¹⁹, ofertado em 1954 no Instituto de Educação do Paraná.

Tabela 3. Assuntos dos artigos publicados na *Revista de Pedagogia* entre 1957 e 1960.

Assuntos	1957 vol. 1	1958 vol. 2	1959 vol. 3	1960 vol. 4
Orientação e Organização Pedagógica	5	3		
Ensino de Leitura	3	2		1
Ensino de Aritmética		6	1	1
Ensino de Ciências		5		
Ensino de Estudos Brasileiros e Paranaenses		1	2	
Ensino de Desenho				1
Ensino de Jardim de Infância			3	
Políticas e Programas educacionais			2	

Fonte: Elaborado pelo autor.

A razão da não inclusão desses temas pode ter sido a orientação metodológica da revista, inspirada no sistema de fichas de Dottrens, pois em suas obras não são mencionados o ensino de desenho, educação física, música e trabalhos manuais. Outro ponto é a concepção de Pilotto sobre o ensino nas escolas isoladas, que inicialmente deveriam optar pela pintura em vez do desenho e da modelagem em vez dos trabalhos manuais, pois tanto o desenho como os trabalhos manuais deveriam estar ao encargo de professores especializados.

¹⁹ O Curso de Aperfeiçoamento em Desenho foi criado em 1952 e tinha por objetivo capacitar professores para atuarem com o desenho nos grupos escolares, sua ação foi incentivada por cursos de natureza semelhante, criados por Pilotto durante sua gestão na SEEC.

Como enfatizado anteriormente, após 1960 a linha editorial da *Revista de Pedagogia* (nov. 1962, fev. 1963, fev. 1965, set. 1965, fev. 1966) sofre alterações. O periódico deixa de publicar orientações metodológicas e passa a publicar textos relacionados a políticas públicas, e alguns desses textos foram retomados por Pilotto em suas obras publicadas pela AEP. A ausência de outros comentaristas e a irregularidade das publicações indicam que o periódico estaria sendo dirigido e redigido apenas por Pilotto, que, após o fim do governo Lupion, deixaria de ter a colaboração de outros professores e possivelmente não contaria mais com o financiamento estatal para o periódico. Outra questão a ser destacada foi o fato de que em 1964 a revista não teve nenhum número publicado, o que poderia indicar certo cuidado por parte de Pilotto por conta das mudanças do campo político, com a mudança do regime político do país, que entraria em uma ditadura civil-militar.

Na publicação de novembro de 1962, foram divulgados os seguintes artigos: 'Um debate teórico com fundamento na apreciação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional', 'Documentos: Plano Lagevin de Reforma do Ensino' (1946) e a seção 'Através da Imprensa Pedagógica', na qual Pilotto realiza uma resenha sobre obras e artigos publicados sobre educação. Nesse número, realiza a resenha do artigo 'Ciência, educação e técnica', de J. E. Heyde, publicado na revista alemã *BildungundErziehung* (10 out. 1957), e da obra argentina *Psicoanálisis y dialéctica materialista* (1958), de José Bleger.

Na edição seguinte, de fevereiro de 1963, publica os seguintes artigos: 'Em torno do problema da escola média', 'O estudo da história' e 'Documentos: pela unidade da escola'. O último artigo refere-se a uma discussão sobre a relação entre educação e tecnologia, para a qual Pilotto cita três publicações francesas: *Tecnologia como matéria de ensino* (1950), de George Friedmann; *Tecnologia do Programa de Educação Geral dos Centros de Aprendizagem da França* (Ed. Foucher, sem data); e, por fim, *Technologie general e pour les mecaniciens* (1954), de A. Campa. Após o intervalo de dois anos, na edição de fevereiro de 1965, publica 'Fatos e expectativas novos na educação na América Latina' e 'Através da Imprensa Pedagógica', seção com a resenha da obra *El problema epistemológico em la pedagogia contemporânea*, publicada no *Caderno 2 da Escuela de Pedagogia y Psicologia* (Argentina, 1960). Na publicação de setembro de 1965, temos os seguintes artigos: 'A crise do ensino médio brasileiro', 'Economia e educação', 'Documentos: estrutura de uma Escola Normal', referenciando o documento constituído na quinta reunião do Comitê Consultivo Intergovernamental

do Projeto Principal da Unesco sobre extensão e melhoramento da educação primária na América Latina (mar. 1964).

E, por fim, na última edição do periódico, em fevereiro de 1966, que não indica o encerramento de suas atividades, publica os seguintes artigos: 'Soluções simples e generalizáveis', 'Retorno ao tema da Educação Nova' e 'Documentos: a educação e o desenvolvimento nacional', no qual cita o Programa de Ação do Governo Revolucionário (1964-1966), elaborado pelo Gabinete Extraordinário para o Planejamento e Coordenação Econômica.

A análise dos últimos números da *Revista de Pedagogia*, citados acima, indica a mudança do perfil do periódico, que não se destinaria mais à divulgação de metodologias endereçadas aos professores dos grupos escolares, mas à discussão em caráter mais amplo do campo educacional e de sua organização política, além das seções 'Documentos' e 'Através da Imprensa Pedagógica'. Assim, o periódico passa a propor uma reflexão mais ampla sobre temas e perspectivas conceituais do campo educacional, em um contexto internacional. É possível que Pilotto estivesse direcionando sua publicação para a 'elite educacional' do Estado e não mais aos professores das escolas isoladas, como foi objetivo da revista na maior parte de seus exemplares.

Um indício da posição institucional alcançada por Pilotto e pela AEP é a participação do intelectual no Curso de Verão, promovido pela UFPR, em fevereiro de 1966, no encontro sobre o tema Métodos de Educação, no qual participaram Angel Oliveiros e Angel Diegues Marques, peritos da missão da Unesco no Brasil; Samuel Pfromm, do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo; Leônidas Hegenberg, do Instituto Tecnológico da Aeronáutica; Eny Caldeira, da Faculdade de Ciências e Letras do Paraná; e Erasmo Pilotto, como representante da AEP. A participação de Pilotto nesse grupo demonstra que sua associação mantinha, no campo educacional local, uma posição de reconhecimento de suas ações e concepções.

Conforme o artigo 'Soluções simples e generalizáveis' (fev. 1966), publicado na *Revista de Pedagogia*, que traz a conferência realizada por Pilotto para o evento citado, o "[...] diretor desta Revista procurou situar a questão em estudo, do ponto de vista das decisões administrativas no caso brasileiro" (Pilotto, 1966b, p. 1).

Em sua fala, Pilotto situa a sua atuação e, por conseguinte, a da AEP, no sentido de propor soluções eficazes para a 'escola que temos'.

Todos os que conhecem minhas atividades no campo da educação, nestes últimos anos, sabem que

tenho estado insistido e preocupado, dentro de um sentido talvez muito administrativo, com soluções simples e generalizáveis. Obter a eficácia da escola que temos (não de outra, mas da escola, ou das escolas que temos, das escolas que podemos ter), com os elementos que podemos contar e nas nossas circunstâncias (Pilotto, 1966b, p. 1).

Na sequência de sua narrativa, Pilotto chama atenção à distância entre os métodos propostos nas escolas experimentais e a realidade educacional da maior parte das escolas isoladas e de pequenas zonas urbanas, evidenciando que não é possível esperar o desenvolvimento econômico e suas consequências para então agir sobre essa realidade. Para o intelectual, as proposições elaboradas pelas escolas experimentais não alcançariam o que denominou de ‘magistério real’.

Tenho severa desconfiança, facilmente comprovável, objetivamente, que os métodos que lhe ensinamos nas Escolas Normais, com frequência surpreendente, não funcionam em suas mãos. E não é uma simples questão de prática do ensino nessas Escolas Normais. É uma questão de nível de complexidade e uma questão de desenvolvimento. E, dentro disso, tenho para mim que, na mesma medida em que a comum das Escolas Normais procura ‘aperfeiçoar’ a metodologia que ensina, mas ela se situa distante de uma solução objetiva, [as Escolas Normais] precisam ajustar-se à realidade do nível, não da escola primária perfeita que nós desejamos, mas da escola primária que podemos manter (Pilotto, 1966, p. 2, grifo no original)

Pilotto traça nessas linhas os objetivos de sua atuação na AEP, por consequência da *Revista de Pedagogia*, de desenvolver metodologias possíveis para o “magistério real” e para o nível da maior parte das escolas isoladas e de pequenas zonas urbanas. Essa temática, que surgiu desde o início da *Revista de Pedagogia*, foi ampliada nos livros publicados pela AEP. Assim, apesar de discutir questões caras às teorias desenvolvimentistas, como a formação técnica e o desenvolvimento econômico, mantém uma posição ambígua ao questionar a supremacia da técnica e do desenvolvimento econômico como fator fundamental das ações governamentais e ao propor uma adequação dos métodos educacionais, que deveriam deixar de lado a idealidade das proposições europeias e norte-americanas. Críticas são exploradas de forma mais contundente no livro *Problemas de educação* (Pilotto, 1966a), no qual retoma o artigo ‘Tema da Educação Nova’, relacionando a Escola Nova com a Escola Integral, e aprofunda as questões sobre a simplificação dos objetivos das escolas isoladas, apontadas em suas obras *Direito à educação* (Pilotto, 1960) e *Organização e metodologia do*

ensino na 1.ª série primária (Pilotto, 1964). A ambiguidade sobre a relação entre educação e desenvolvimentismo pode ser relacionada com as configurações do campo educacional e político, que, como já citado, a partir da década de 1950 e principalmente na década de 1960, adota as teorias desenvolvimentistas como aporte teórico das ações públicas.

Considerações finais

Após sua saída do cargo de secretário, Pilotto foi nomeado auditor do Tribunal de Contas do Paraná. No ano de 1951, em viagem pela Europa, tomou contato com as concepções pedagógicas de Dottrens, adaptando sua teoria em ações realizadas na AEP. No ano de 1952, fundou a Escola Moderna Dario Vellozo, pesquisando um novo modelo educacional, capaz de fazer frente às dificuldades das escolas isoladas do interior do Estado. Nesse mesmo ano publicou a obra *A Educação é um direito de todos*, na qual sintetizou as experiências realizadas em sua gestão na SEEC.

Como estratégia de permanência no campo educacional, fundou a AEP (1956-1970), entidade que, apesar de particular, tinha por objetivo prestar assistência à educação pública. Na AEP, Pilotto pôde continuar suas investigações tendo como objeto de análise as políticas educacionais e os objetivos da educação. Com a associação fundou a *Revista de Pedagogia*, que no primeiro momento difundiu a interpretação de Pilotto sobre o sistema de Dottrens e, em um segundo momento, com o fim do subsídio governamental, passou a discutir questões mais amplas, ligadas à política educacional. Infelizmente as fontes disponíveis não permitiram encontrar indícios sobre a difusão da *Revista de Pedagogia* no campo educacional, embora, tendo em vista que em suas primeiras edições (1957-1960) o periódico tenha contado com o apoio governamental, é possível que tenha sido distribuída de maneira regular nos grupos escolares paranaenses.

Devemos também salientar que, no período da AEP, Pilotto publicou um grande número de obras, que, assim como a *Revista de Pedagogia*, buscavam a conceituação dos objetivos da educação, formulando teorias educacionais para o desenvolvimento das escolas isoladas, procurando, assim, manter sua ação no campo educacional e difundir suas concepções pedagógicas.

Referências

Bourdieu, P. (1994). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo, SP: Olho d'Água.

- Bourdieu, P. (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Bourdieu, P. (2004). *A economia das trocas simbólicas* (5a ed.), São Paulo, SP: Perspectiva.
- Bourdieu, P. (2006). A ilusão biográfica. In M. M. Ferreira, & J. Amado. *Usos e abusos da história oral* (p. 183-192). Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Dottrens, R. (1936). *Le Progrès a L'École: Sélection des élèvesouchangement des méthodes*. Paris, FR: Delachaux & Niestlé S.A.
- Dottrens, R. (1959). *La Enseñanza individualizada*. Buenos Aires, AR: Kapelusz.
- Gonçalves, N. G., Gonçalves, S. A. (2008). Desenvolvimentismo e educação no Paraná (décadas de 1960 e 1970). *Diálogos*, 12(2-3), 143-171. doi 10.4025/dialogos.v12i2e3.18
- Gonçalves, N. G., & Gonçalves, S. A. (2012). Escola superior de guerra e a Lei 5.692/71: Discursos governamentais e implementação da lei no Paraná. In N. G. Gonçalves, & S. M. F. Ranzi (Orgs.), *Educação na ditadura civil-militar: políticas, ideários e práticas (Paraná, 1964-1985)* (p. 15-36). Curitiba, PR: UFPR.
- Miguel, M. E. B. (1995). O significado do trabalho de Erasmo Pilotto no cenário educacional paranaense. *Educar em Revista*, 10, 81-89. doi: 10.1590/0104-4060.130
- Pilotto, E. (1996b). Soluções simples e generalizáveis. *Revista de Pedagogia*, 5(4), 1-2.
- Pilotto, E. A. (1952). *Educação é direito de todos*. Curitiba, PR: Papelaria Max Roesner.
- Pilotto, E. A. (1960). *Direito à educação*. Curitiba, PR: Escola Técnica de Curitiba.
- Pilotto, E. A. (1964). *Organização e metodologia do ensino na 1ª Série primária: um caminho para o aperfeiçoamento da escola pública em países em desenvolvimento*. Curitiba, PR: Artes Gráficas.
- Pilotto, E. A. (1966a). *Problemas de educação*. Curitiba, PR: [s.n.].
- Pilotto, E. A. (2004). *Autobiografia* (Denise Grein Santos, org.), Curitiba, PR: UFPR.
- Puglielli, H. F. (1996). *Erasmo Pilotto* (Série Paranaenses, n. 7). Curitiba, PR: UFPR.
- Recomposição do Tribunal de Contas. (1951, 8 de março). *Diário da Tarde*, p. 1-6..
- Revista de Pedagogia*, (1957), 1(1), 1-2.
- Ribeiro, I. T. (1957). Individualização do Ensino. *Revista de Pedagogia*, 1(3), 32-33.
- Saviani, D. (2005). A política educacional no Brasil. In M. Stephanou, & M. H. C. Bastos (Orgs.), *Histórias e memórias da educação no Brasil: Século XX* (p. 30-39). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Silva, R. (2009). *A arte como princípio educativo: um estudo sobre o pensamento educacional de Erasmo Pilotto* (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Silva, R. (2014a). *Educação, arte e política: a trajetória intelectual de Erasmo Pilotto* (Tese de Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Silva, R. (2014b). O lugar da arte no currículo escolar: uma análise dos programas experimentais para o curso primário e pré-primário no Paraná (1950-1952). *Horizontes*, 32(2), 19-32. doi 10.24933/horizontes.v32i2
- Treccani – La Cultura Italiana. (2015). Robert Dottrens. *Enciclopedia Italiana*. Recuperado de <http://www.treccani.it/enciclopedia/robert-dottrens/>
- Xavier, L. N. (1999). *O Brasil como laboratório: educação e ciências sociais no projeto do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. CBPE/INEP/MEC. (1950-1960)*. São Paulo, SP: IFAN/CDAPH/EDUSF.

Received on March 5, 2016.
Accepted on August 19, 2016.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

DADOS SOBRE OS AUTORES

Rossano Silva: Doutor em Educação e Mestre em Educação na Linha de História e Historiografia da Educação pela UFPR. Especialista em Ensino da Arte pela Faculdade de Artes do Paraná e graduado em Licenciatura em Desenho pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (2001). Professor Adjunto da UFPR no Departamento de Expressão Gráfica e no Programa de Pós-graduação em Educação: Teoria e Prático de Ensino. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: expressão gráfica, linguagem visual, ensino de arte, história da educação, formação de professores e artes visuais.
E-mail: rossano.degraf@yahoo.com.br
ORCID: <https://www.orcid.org/0000-0003-1591-860X>

NOTA:

O autor foi responsável pela concepção, análise e interpretação dos dados; redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e ainda, aprovação da versão final a ser publicada.